

Subdesenvolvimentismo: Os Resultados da Globalização Desigual

Maira Rita Begalli Nunes*

2007

Índice

Introdução	2
1 Nascimento dos excluídos	3
2 Os ideais distorcidos	5
3 O conceito do subdesenvolvimento	6
Considerações finais	7
Referências bibliográficas	8

Resumo

O presente trabalho abordará o fenômeno “Globalização” nos países antes chamados de “Terceiro Mundo”, hoje renomeados como “Em Desenvolvimento”. A primeira nomenclatura surgiu em uma condição catastrófica, quando os países da América Latina e as antigas colônias africanas e asiáticas foram conduzidos para uma lacuna de miseráveis globais, após o término da Segunda Guerra. A condição envolvia: alta densidade demográfica, pouco saber, falta de infra-estrutura e exploração humana e de recursos naturais. Em meados de 1950, a ONU (Organização das Nações Unidas) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Cultura e Educação) criaram um índice para classificar os países que seriam chamados de “Terceiro Mundo”. Deste período em diante, tais nações ganharam vários outros nomes, com o mesmo objetivo: ilustrar a condição de submissão às potências mundiais. Tornou-se recorrente a manipulação da cultura, a estimulação do consumo e o abuso do poder, nasce um novo molde da política senhor/vassalo.

*Graduada em Gestão Ambiental, com Especialização em Comunicação Jornalística pela Faculdade Cásper Líbero.

Este trabalho foi desenvolvido no núcleo de “Comunicação de Massa e Globalização na Cultura Contemporânea” da Faculdade Cásper Líbero, sob orientação do Professor Doutor Cláudio Coelho, Doutor em Sociologia pela USP e mestre em Antropologia Social pela UNICAMP, é graduado em Ciências Sociais pela USP. Autor dos livros: *Os Movimentos Libertários em Questão* (Ed. Vozes), *Publicidade: É Possível Escapar?* (Ed. Paulus) e co-organizador de *Comunicação e Sociedade do Espetáculo* (Ed. Paulus), publicou vários artigos sobre a Comunicação na Sociedade Contemporânea nas revistas *Líbero* e *Communicare*. Docente de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero atua na Linha de Pesquisa B (Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento) e leciona Mídia e Sociedade Contemporânea no Programa de Mestrado.

Palavras chaves: globalização, história contemporânea, economia, cultura, subdesenvolvimento.

Abstract

The present study will broach the phenomenon “Globalization” in the countries which were called “Third World”, and that today is called of “In Development”. The first nomenclature has appeared in a catastrophic condition, when the Latin American countries and the old African and Asiatic colonies were conducted to a lacuna of global miserables, after the ending of the Second World War. The condition was: high demographic density, lack of infrastructure and human exploration and of natural resources. In the half of 1950, ONU (Organization of the United Nations) and UNESCO (Organization of the United Nations to the Development of the Culture and Education) have created an index to classify the “Third Countries”. From this period on, these nations would receive many names, with the same goal: to illustrate the condition of submission to the global power. It became appellant the manipulation of the culture, the stimulation of the market and the abuse of power; when born a new mould of the politic Sir/Vassal.

Key words: globalization, contemporary history, economy, culture, development.

Introdução

“A moderna sociedade burguesa, que surgiu do declínio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela apenas colocou novas classes, novas condições de opressão e novas formas de lutas no lugar das antigas”.

Manifesto do Partido Comunista

Há uma enorme linha temporal desde o nascimento do novo homem, parto presenciado pela criança Geopolítica, em 1943, retratado por Salvador Dali. Podemos ilustrar tal afirmação questionando: Quem será Salvador Dali na sociedade hoje? A maioria dos estudantes universitários, dos célebres intelectuais, e das celebridades instantâneas, diriam que o conhecem, é claro. Mas, a questão é outra: Qual o meio que lhes apresentou Salvador Dali? Indubitavelmente, a grande maioria afirmará que o objeto mediador ao gênio foi uma fragrância bucólica, vendida a partir de R\$ 40, na internet.

Um aroma pós-moderno, contido em uma embalagem de design sugestivo: a grande e devoradora boca consumista. A situação do valor, do empírico, pelo prático instantâneo, assim como as latas de refrigerantes que conceberam a casta de catadores, que esmolam papéis sociais, colhem restos de tudo, parasitam esperança.

O poderio mundial classificou os novos competidores, os antigos vassallos não são instruídos o suficiente para operar as novas máquinas. Máquinas confeccionadas com a extração de matérias-primas, exaustivamente retiradas pelos mesmos vassallos. É a terceira revolução industrial, fomentada por funcionários artificiais que não tiram férias, não adoecem. Neo-escravos: o quarto, o quinto,

o sexto mundo apontam nesta competição realizada abaixo do nível da miséria. O Biquini destruído é substituído pelo biquíni mais vendido de Amir Slama, com estampas de Guaraná, ao título de Antártica – local em que ninguém usa minúsculos trajes de banho – com o slogan “Original do Brasil”.

Nossa bússola cultural foi refeita, Leste Socialista, Oeste Capitalista, hoje Norte desenvolvido, Sul miserável em diferentes hierarquias. Antes o bolo repartido em três, dividia a pobreza 2 por 1. Agora somos 80% de subjugados contra 20% de eleitos, a eterna proporção senhor-vassalo. Uma nova multipolarização, muitos pólos por todo globo. Porém, o resultado é o mesmo, implica no fortalecimento de um sistema: “O Império da Sociedade Capital do Consumo”. Um amplo mercado, que comercializa vidas, recursos e possibilidades insustentáveis para o homem e para a Terra. Uma nova bipolarização, agora os blocos são: população economicamente ativa e inativa.

A pequena minoria que detém algum tipo de saber, no caso sub-saber quando se trata dos “em desenvolvimento”, freqüentam faculdades sem o menor compromisso. Como George W Bush, esta minoria explícita orgulhosa o “cabular aula para beber cerveja”, sem suspeitar qual é o real narcótico em questão. Mas para o Brasil, não há problema. Aqui, ainda, reina o futebol, o carnaval. E também há o império do tráfico de animais, de drogas, de armas.

Os antigos “segundos colocados” superaram a economia de transição e sobreviveram. Alguns países como Índia e China estão incrivelmente melhores – nos parâmetros da lógica neoliberal. No Oriente Médio, a história se repete: a luta pela terra que unificará o povo escolhido, criou-se um novo muro

para manter as eternas divisões. Contudo, o mundo continua dividido na mesma lógica: senhor /vassalo.

Claramente, visualizamos, atônitos, porcos bebendo uísque, ou melhor, Champagne (a bebida dos pós-modernos), uma ridícula simulação. Parafraseando o Excelenteíssimo Mc Serginho, pode-se dizer que as denominações mudaram, mas a manipulação e a exploração “*Não para, não para, não para não. Até o chão*”.

1 Nascimento dos excluídos

Até 1914, o poderio mundial dividia-se entre: Reino Unido – a grande e soberana mãe-potência até o início do século XIX, porém decadente; França e Alemanha – concorrentes européias na disputa pela neocolonização africana e asiática; Estados Unidos – a potência do novo continente; e Rússia – detentora de poder bélico, e disposta a lutar por sua expansão territorial.

Porém, em 1945, com o final das grandes guerras que selaram o rumo da humanidade, o Mundo encontrou-se “bipolar”. Dois blocos conceberam este cenário: Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Ex-aliados, agora ferozes inimigos. Inquestionavelmente a URSS era o único inimigo potencial do livre mercado, graças ao histórico bélico da Rússia. Deste modo, ficava claro que a destruição de Hiroshima era uma pequena amostra do que aconteceria com aquele que se indispusesse com os Estados Unidos, em qualquer disputa: política, ideológica ou territorial.

Neste cenário, em 1952 nasceu a “Nova Ordem Mundial”, expressão que teve seu conceito forjado pelo francês Alfred Sauvy. Na verdade, o termo fazia analogia à França

de 1789, que nesta época passava pelo período caracterizado como Pré-Revolução Industrial. A sociedade francesa, nesta ocasião, estava organizada em três setores: Nobreza (soberba, rica e sedutora), Clero (ideológico, porém utópico, já que havia se distanciado de sua fé inicial), e pela Burguesia.

Responsável pelo proletariado, a Burguesia era a mais complexa “casta” social. Era conduzida por diferentes personagens, que manipulavam e conduziam o destino de humildes trabalhadores sem acesso ao estudo, mal remunerados, explorados e esquecidos.

De forma análoga, pôde-se transpor tais papéis ao: “Primeiro Mundo” bloco composto pelos países que defendiam o livre comércio, em relação à Nobreza; o “Segundo Mundo” de ideais igualitários provenientes do Socialismo Científico (de Karl Marx e Frederic Engels) ao Clero.

Já o “Terceiro Mundo” era o nicho da colonização exógena, dos territórios que sofreram a violação e dominação europeia. Mantenedores, sob exploração, tanto da mão-de-obra, como dos recursos naturais, enriquecedores das Metrôpoles. O “Terceiro Mundo” foi comparado à Burguesia por ilustrar perfeitamente os: senhores, coronéis, e empresários, que detinham o poder.

O saber elitizado, que subemprega e escraviza uma enorme massa oprimida e sem opções: a prole. Na verdade, tal situação ilustrava a lacuna dos países virtualmente não integrados, nem ao capitalismo americano, nem ao socialismo soviético. Apenas territórios indefesos, imaturos, frágeis e deficientes, que facilmente seriam seduzidos por quem oferecesse os mais belos “espelhos”.

Visivelmente, as três partes desiguais eram fruto de uma bipolarização anterior,

impulsionada pelo chamado “capitalismo primitivo”. Ou seja, a consequência da proliferação desproporcional população “terceromundista”: numerosa, pobre, sem saber. Além das características citadas, sofreram uma violência velada gravíssima quando tiveram seus valores culturais e religiosos suprimidos por colonizadores.

O “capitalismo primitivo” nasceu na Europa, entre os séculos XV e XVI, época que o continente era o eixo comercial e social do mundo. Neste período, a Europa interligava o globo por rotas marítimas comerciais, que pela primeira vez proporcionou a bipolarização global em áreas periféricas e centrais.

As áreas periféricas correspondiam às colônias de exploração, e as áreas centrais as colônias de povoamento. Nas colônias endógenas ou de povoamento, a preocupação essencial era estruturar núcleos de cultura e educação para que os habitantes edificassem e solidificassem o Estado.

Deste modo, regiões e o destino da humanidade foram escolhidos por um único fator, que determinaria seu potencial agropecuário: o clima. Nasce a divisão capitalista-reducionista: o proletário-cativo *versus* a burguesia-dominadora. O “Terceiro Mundo”, filho primogênito da geografia global, concebeu (e ainda concebe) filhos que alimentam todo o sistema comercial, porém seus papéis permanecem restritos a categoria de meros fantoches. O povo bastardo sob um sistema repressor e surreal, adaptável à conveniência dos detentores do poder.

As minorias privilegiadas destes países-colônias estabeleceram-se ao litoral, com o objetivo de se tornarem os mercadores responsáveis pelo comércio internacional de produtos. Já os países que não tinham acesso aos oceanos concentraram seus “senhores”

nas capitais, e assim, os campos e os interiores permaneceram esquecidos, ao relento.

Culturas e sociedades foram isoladas e reprimidas, em prol da economia. O “Terceiro Mundo” submetido aos moldes europeus, miscigenou-se, multiplicou-se. A diminuição das taxas de mortalidade, somada ao aumento da expectativa de vida proporcionados pela popularização das vacinas e antibióticos forjou uma explosão demográfica.

Certamente, se houvesse “saber” nos territórios “terceiromundistas”, este enorme contingente populacional haveria mudado o rumo da humanidade. Com os países ricos ocorreu o inverso, caíram as taxas de natalidade, subiram os investimentos em qualidade de vida e em instrumentos de controle populacional. Ou seja, quando os países pobres incharam suas populações miseráveis, automaticamente fadaram seus habitantes à submissão mundial.

2 Os ideiais distrocidos

Em 6 de agosto de 1954, o “Little Boy”, um pequeno garoto de 12 quilotons, marcou a história da crueldade humana ao dizimar instantaneamente 80 mil civis, e mais 60 mil pessoas nos quatro meses seguintes. A arma profetizou a futura condição mundial: a execução imediata, sem perdas para o mais poderoso, sem vínculos comuns com a ética e com a vida. Ao lançar a bomba nuclear, os Estados Unidos declararam ao mundo a soberania do Livre Mercado. Assim, qualquer que fosse a foca opositora, ou movimento contrário seriam expostos às devastadoras conseqüências, como ocorreu em Hiroshima.

Após a queda da Alemanha Nazista a Segunda Guerra estava vencida, e o Japão já ha-

via caído. Sem um inimigo real, os Estados Unidos imputaram ao lançamento do “Little Boy” uma violência intimidadora, que impôs um novo ritmo ao mundo.

Nasceu a “Paz Congelada” entre os antagonistas URSS e Estados Unidos. Ambas as partes temiam as conseqüências de uma possível guerra nuclear. E, como em um duelo de gigantes, iniciou-se um *ping-pong* nuclear, com a bomba americana Bravo. O lançamento ocorrido no Atol de Bikini, em 1954, nas Ilhas Marshall. Ilhas batizadas com o mesmo nome do pleno de estruturação político-econômico dos Estados Unidos, no pós-guerra. O impacto foi maior do que a Little Boy, já que a Bravo possuía mil vezes mais potência.

O Plano Marshall Foi idealizado em 1947 era uma ação solidária que visava a reestruturação dos países europeus dizimados ao término da Segunda Guerra. Estes países teriam a ajuda dos Estados Unidos, mas deveriam exercer uma posição pró-capital e propagar seus valores. Nessa época, muitos utilizaram a teoria do Funcionalismo, criada pelo sociólogo Émile Durhéin, como conceito análogo ao contexto mundial.

Durhéin defendia a necessidade da existência de uma sociedade estruturada em corporações profissionais, na qual o poder e o governo não deveriam chegar nas mãos das classes menos favorecidas. Porém, o sociólogo era contra o domínio das classes pela força. Apenas, considerava as mudanças sociais extremamente complexas. Sua teoria determinava a necessidade de uma “Solidariedade Orgânica”, o estágio final do Funcionalismo. Nela, cada grupo seria responsável por uma função essencial, e não menos favorecida, mas em diferentes níveis que conduziram a ordem perfeita.

Caso houvesse um distúrbio, um fato não esperado, não desejado, bastaria isola-lo no setor em que fora diagnosticado, tal como uma doença. O distúrbio seria classificado como “não funcional”, pois causaria transtornos a ordem coletiva. Entretanto, na neo-interpretação dos Estados Unidos, esse conceito traduziu a expressão: “Quem está ao lado da União Soviética é uma anomalia, que contaminará a nossa boa sociedade”. Surge, assim, um universo de terror entre as décadas de 50 e 60 do século XX, que combatia aqueles que não estivessem declaradamente a favor dos Estados Unidos.

Em 1961, a União Soviética contra atacou com a bomba de 100 megatons, a Tsar, na ilha de Novaya Zelmiya, na Rússia. Entretanto a bomba explodiu com a metade de sua capacidade.

A ideologia forjada pelos americanos seguia a lógica capitalista: proletário e burguesia. O contexto atemporal que melhor representa o conceito foi o mandato do Presidente Harry Truman, que antes de entrar para a política trabalhava como caixa em uma loja do Missouri. O desenvolvimentismo potencializado por ideais de paz desejados pelas famílias e núcleos de trabalhadores criou o “American Life Style”.

Não se tratava de algo apenas verbal, mas algo físico, que fundamentou os pilares do Bem Estar Social, o “Welfare State”. O termo nasceu em 1950, e manteve-se até 1980. A premissa era privatizar as empresas, gerar renda e distribuí-la igualmente para população na forma de assistência social, que acompanharia os cidadãos do berço ao túmulo.

Do outro lado estava a União Soviética, como o KOMINFORM, bloco político que defendia o isolamento da supremacia ameri-

cana e a união de países europeus ao socialismo. Em resposta ao Plano Marshall, em 1949 nasce o COMECON (Conselho para Assistência Econômica Mútua), que na teoria tinha como objetivo alcançar a planificação social. O Conselho era estruturado em metas prioritárias, restabelecidas a cada cinco anos, de acordo com as necessidades de cada país. Visava a criação de sociedades igualitárias, o princípio do socialismo científico.

Fundamentados em estudos econômicos, históricos e filosóficos, Karl Marx e Frederic Engels afirmaram que por meio do Capitalismo Desenvolvido seria possível a construção de uma sociedade sem classes, portanto socialista. O Estado, no primeiro momento controlaria a classe proletária, e após a consolidação da igualdade social as classes seriam extintas e surgiria um cenário com chances comuns a todos: O Comunismo.

Entretanto, o Socialismo passou a ser utilizado para classificação da União Soviética, quando deveria ser aplicado a um plano econômico e social. Uma vez que um Estado verdadeiramente socialista seria controlado por todos, e perderia sua força. Já que diante inúmeras possibilidades de governo não teria governo algum.

3 O conceito do subdesenvolvimento

Hoje os países denominados “em desenvolvimento” são frutos da exploração predatória européia. O processo de colonização desse países deu-se em dois momentos distintos. O primeiro ocorreu entre os séculos XV e XVI, quando a América e a África foram exploradas para obtenção de matéria-prima, e pro-

mentos tropicais. As expedições eram patrocinadas pela burguesia mercantil da Espanha, Inglaterra, Portugal, Holanda e França.

Já o neocolonialismo foi impulsionado pela França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Portugal, Itália, Estados Unidos e Japão, na segunda metade do século XIX. Os focos eram a África, a Ásia e a Oceania. Os objetivos também eram distintos, já que além de executarem a exploração dos recursos naturais, tais países queriam encontrar novos mercados para a comercialização de seus produtos finais.

Os colonizadores utilizavam o trabalho da população nativa de forma escrava e desumana, destruindo a cultura local e os valores hierárquicos tribais. Muitos chefes locais tornaram-se submissos aos seus súditos graças à nova estrutura importada da “Metrópole”. Tal fato possibilitou um vínculo mercantil, isto é, mesmo após a independência, esses Estados estavam fadados à velha estrutura colonial interligada ao capitalismo inglês.

A Argentina mesmo com características de clima temperado tornou-se colônia de exploração, devido às jazidas de prata. Na Índia os instrumentos avançados de agricultura foram destruídos pelos colonos para estabelecerem suas próprias indústrias manufatureiras. Incidentes semelhantes ocorreram em toda a Ásia, onde os colonos corromperam a elite nativa e criaram um sistema trabalhista mal remunerado.

O Irã e a Turquia não chegaram a ter autoridades estrangeiras no governo, contudo também foram afetados com o chamado pacto amigável. Os colonos ofereceram quantias simbólicas e objetos sedutores em troca de suas terras, que abrigavam reservas minerais valiosas. Em contrapartida,

perderam poder sobre seu território e hoje regem com atitudes extremas para manter a cultura e a sociedade “a salvo do Ocidente”.

Na porção Sul dos Estados Unidos, também existiram pontos de exploração, já que com a Guerra Civil Americana de 1865, o norte industrializado suprimiu o sul agrícola. Esse fato forjou o conceito Norte/Sul remetido aos países desenvolvidos/subdesenvolvidos, em 1970.

O enorme continente da África foi dividido em partes iguais. Entretanto foram ignorados os conflitos tribais, gerando inúmeros e sangrentos impasses, que eram contornados pelos colonos. Contudo, após a Segunda Guerra, a África e a Ásia passaram por um processo de descolonização. Nesse período os países europeus se retiraram de tais lugares e retornaram aos seus países.

Assim, sem autoridade, sem legitimidade territorial ou étnica nasce o Apartheid, uma organização social que impedia a reivindicação de direitos dos nativos da África. O sistema foi extinto em 1991. Em 1993, Nelson Mandela foi eleito como o primeiro presidente negro da África, que conquistou o título por sufrágio democrático.

Considerações finais

As denominações: “Subdesenvolvido” ou “Em Desenvolvimento”, ilustram a globalização desigual em: índices de mortalidade, morbidade, desnutrição, e habitação. Nesses índices formatos pela ONU e pela UNESCO, enquadram-se os países da África, Ásia e América Latina.

Tais Estados não possuem a infra-estrutura e um ideal coletivo comum. Os cidadãos dessas pátrias, apenas mostram-se ansiosos por um novo formato que explicita a mo-

deridade, e propicie o crescimento econômico. Um sentimento neonacionalista, que enfatiza o consumo, que não luta pela valorização cultural ou histórica.

O vão subdesenvolvido potencializou-se no período em que a humanidade, definitivamente, rompeu com todos os elos ancestrais. O homem rural de 8 milênios migra para os centros comerciais, e posteriormente torna-se transnacional, globalizado. Há um choque voraz no pós-moderno, entre o que é na teoria e como funciona na realidade. Como a alfabetização homogeneizada-funcional. Um dispositivo que impede o real saber, enquanto alimenta o ideal lúdico do estudar.

As políticas públicas destinadas e relacionadas ao campo e a reforma agrária não foram implementadas até os dias de hoje. Foram tratadas com descaso, superficialmente, especificamente no Brasil. A globalização tornou-se uma armadilha que agravou as dissonâncias: deficiência tecnológica, endividamento externo, relações comerciais desfavoráveis e supressão estrangeira.

Referências bibliográficas

- AMIN, Samir. *O Desenvolvimento Desigual*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1976;
- ARRIGHI, Giovanni. *A Ilusão do Desenvolvimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998;
- CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. São Paulo: Editora Scritta, 1996;
- GEORGE, Pierre. *Programa do Mundo Atual*. São Paulo: Editora Diefel, 1986;
- HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX – 1914/1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;
- LACOSTE, Yves. *Contra os Anti-Terceiro Mundistas e Contra Certos Terceiro-mundistas*. São Paulo: Editora Ática, 1991;
- LIPIETZ, Alain. *Audácia: Uma Alternativa para o Século XXI*. São Paulo: Editora Nobel, 1998;